

ÁRVORES NUAS

Yls Rabelo Câmara¹

Chove copiosamente em Santiago de Compostela desde ontem. Lá fora, árvores nuas balançam e farfalham seus galhos ao doce cantar da chuva gelada. Eu, dentro do quarto que ocupo na residência universitária, que fica em frente à Faculdade de Filologia, ocupo-me de encontrar uma maneira de passar o tempo que não passa nunca. É inverno; um inverno rigoroso como há muito não temos por aqui. O céu plúmbeo incita à morrinha e convida à reflexão...

Dizem que escrever cura dores emocionais. Por isso escrevo. Creio que assim expurgo meus medos e meus desatinos ainda não concretizados, assim como cataliso minhas alegrias, numa espécie de catarse lenta e silenciosa. Faz seis anos que vim da Catalunha para a capital da Galiza, terra de vultos inolvidáveis da História espanhola como Bela Otero, a destruidora de lares e de corações, a famigerada poeta Rosalía de Castro e o odiado General Franco, o ditador que mergulhou o país no atraso por quase cinquenta anos. Aqui tive a oportunidade de crescer em muitos aspectos: fazer um doutorado, viajar, conhecer pessoas, praticar o idioma de Cervantes e aprender a viver vivendo.

Não se pode dizer que deixar o nutrício ninho materno seja uma tarefa fácil: foi para mim uma das mais difíceis. Morando tanto tempo longe, tive que adaptar-me rapidamente às mudanças vertiginosas, mas que não poderiam me deixar impermeável a elas se eu quisesse aproveitar a oportunidade para ter uma lição intensiva de como enfrentar sozinha o mundo. Como é comum acontecer com quem passa uma longa estadia no exterior, criei vínculos com algumas pessoas essenciais, sem as quais a experiência seria bem mais dorida. Perder minha amiga Uxía foi, digamos, o mais doloroso capítulo que vivi na Espanha até agora.

Uxía e eu nos conhecemos em um dos seminários de nosso curso de doutorado. Foi a única, dentre tantas colegas, que se achegou a mim de forma imediata e me inseriu no grupo, ajudou-me com a bibliografia dos primeiros trabalhos e familiarizou-me com a convivência universitária em uma realidade tão distinta da minha no Brasil. De colega, passou a amiga. Acompanhávamos a vida uma da outra quer nos momentos alegres quer nos não tanto. Fui uma de suas damas de honra dois anos depois, quando já nos preparávamos para começar a redigir a tese, e foi naquele momento de sonhos e expectativas que o prognóstico virou diagnóstico e que sua enfermidade deu-se a conhecer. Foram dezessete meses de uma longa, sofrida e inglória guerra que foi perdida na última batalha. Quando já acreditávamos que, por fim, aproximava-se a cura, Uxía foi levada por uma febre que não cedeu a tempo e que nos deixou órfãos de sua alegria e de sua bondade desinteressada.

¹ Universidad de Santiago de Compostela (USC). ylscamara@hotmail.com

Foi um golpe duro para mim porque realmente não o esperava. No entanto, exatamente no aniversário de sete meses de sua partida absurda, sonhei com ela. Estava vestida com o mesmo casquinho verde oliva daquele longínquo dia em que nos conhecemos nos corredores da faculdade. Trazia consigo seu gato de estimação, que lhe sobreviveu apenas onze dias e que morreu de pena e de saudade de quem lhe dispensava mimos. Seu semblante, porém, em nada lembrava a moça esquelética do último dia: estava radiante, sorridente e bela como sempre. Em rápidas palavras trocadas comigo, disse-me que não havia razão para tristeza; que estava feliz ao lado de pessoas que a estavam cuidando e que sempre me visitava em sonhos, embora eu não me lembre de sua presença neles. Acordei assustada, arritmica, confusa...

Coincidência ou não (quero crer que não), a partir da manhã seguinte os eventos tomaram outro rumo e outro sentido para mim: algumas pendências que vinham se arrastando há meses foram sendo resolvidas, pessoas daninhas foram se revelando e eu pude, então, afastar-me delas e progredir. Uma semana depois de haver sonhado ou tido contato visual com Uxía, conheci Alberto, o melhor namorado que tive até hoje; consegui em seguida uma bolsa que estava pleiteado há muito, muito tempo e finalmente visitei o Egito, um desejo de criança, quando ainda sonhava em ser arqueóloga.

Pode ser que tenham razão os espiritualistas quando afirmam que as pessoas entram em nossas vidas por alguma razão de ordem transcendental e permanecem nela o tempo suficiente para se tornarem inesquecíveis. Uxía nos deixou na primavera de seus vinte e sete anos, cheia de planos, mas sem dúvidas o seu legado de amor está imortalizado nas pessoas que, como eu, tiveram a sorte de haver cruzado o seu caminho com o dela. Da nossa amizade ficaram as recordações, algumas cristalizadas nas fotografias nossas que ainda não tive coragem suficiente para expor nos porta-retratos da estante. Um dia o farei. Nossos rostos alegres voltarão a iluminar este ambiente que tantas vezes nos reuniu entre cafés, risadas, conselhos e estudos, mas agora de maneira resignificada: Uxía já não mais estará presa à moldura de uma foto, mas livre, liberta de seus últimos sofrimentos que embotaram e apagaram muito cedo o seu sorriso de menina.

Levanto a cabeça por um momento, repousando a caneta sobre o papel, e olho através da vidraça salpicada de grandes gotas de chuva que a vida segue lá fora igualmente impassível aos nossos dramas e às nossas conquistas porque, afinal de contas, ela não tem a mais mínima obrigação de cumprir com as nossas expectativas. No outro lado da rua, um casal chega abraçado ao café da esquina; o senhor que esperava o ônibus acabou perdendo-o porque estava conversando com a dona do açougue que mora na rua de baixo; alguém passa correndo pelo corredor, falando alto ao celular e me incomoda. E eu... Bem, neste dia cinzento, eu estou aqui, aproveitando o calor da calefação, tomando uma infusão de menta para aplacar um pouco da dor de cabeça que esta sinusite sempre me provoca e escrevendo um pouco da minha história, registrando a vívida lembrança de Uxía, que se foi tão pálida numa tarde triste, escura e fria de final de outono, discreta como sempre, sem me permitir a chance de nos despedirmos...

Chove copiosamente em Santiago de Compostela desde ontem. Lá fora, árvores nuas balançam seus galhos ao doce cantar da chuva gelada.

Recebido em: 21/04/2016. Aceito em: 11/07/2016.